



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 10 | OUT. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundeza

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

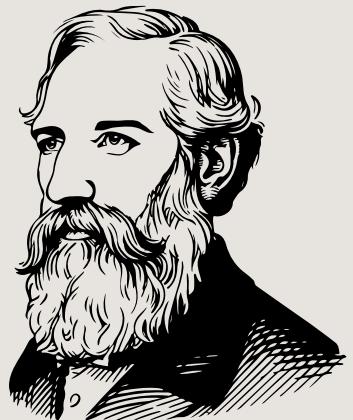
E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



O IMANTADO

Guilherme, muito prazer. Mas qual Guilherme? Sou tantos, incluindo o imigrante cujo nome ninguém consegue dizer. Se penso que passei a vida ridicularizando quem acredita em horóscopo, definir-me como sagitário me soa divertidamente rebelde e maliciosamente libertador. Magnetizam-me a música, a literatura e toda forma de hibridez, tão bem sintetizada em meu signo. O que me repele são os pensamentos dogmáticos, o antropocentrismo e a ideia de pureza.



ÍNDICE

O SÉCULO PASSADO NO BOLSO DA CALÇA

Guilherme Arruda Aranha

07

A CARTA

Renato Guimarães Ferreira

09

ALÉM DO HORIZONTE

Ana Maria Malik

12

OS TEMPOS ESTÃO MUDANDO

Mario Aquino

15

À MADALENA

Paula Bessa

18

O OUTRO LADO DO MURO DOS SONHOS

Eliana Bianco

19

THESE ARE DAYS

Sérvio Túlio Prado Jr.

21

O SÉCULO PASSADO NO BOLSO DA CALÇA



Subo no ônibus que vai do bairro da minha infância ao metrô quando, sem mais nem porquê, o motorista estaciona o veículo, se levanta e vai embora. Antes que eu tenha tempo de reagir, Hermeto Pascoal assume o volante e retoma o trajeto com precisão profissional. Ele só pode estar olhando no Waze, aposto. Ao descer, reparo que me enganei e não entendo como o Hermeto conhece tão bem o ziguezague de uma linha de ônibus que corta o bairro de uma cidade em que ele nunca morou. Do outro lado da rua avisto aquele cara que tocava guitarra na minha banda de heavy metal da escola. Que alegria revê-lo depois de três décadas e meia sem notícias. Haviam me dito que ele se tornara ortodoxo e cortara os laços com o passado rock'n'roll. Mas eu também havia trocado o baixo pela gravata: a Torá e o Código Civil tomado em nossas vidas adultas o lugar das partituras adolescentes. Sua calça jeans rasgada, a camiseta larga e a barba mal feita me sugerem outra história. Atravesso a rua e afago seus ombros, apenas paravê-lo se dissipar como incenso entre a multidão que se aglomera na calçada. Outro cheiro me cutuca agora o ombro esquerdo. Me viro e vejo a Glória, minha primeira namorada. Nossa sexo inaugural era mais desajeitado do que as folhas de uma samambaia se entrelaçando ao vento no quintal de uma velha escola, para sempre abandonada. Sem nada dizer, ela me pega pelas mãos, me leva para casa e se joga nua sobre a cama. Levanto hesitante um escudo solene: "Sou um homem casado". Ela rida minha cara, a minha eterna falta de jeito, e me puxa. Reparo na mexa azul em seu cabelo. "A minha namorada também tem uma", escuto-a

cochichar enquanto me beija e tudo acontece. Assim que gozamos, escapulimos pela porta dos fundos e escadaria abaixo, até nos pertermos sem tchau nem adeus no meio da multidão que invade a avenida. O cheiro de quentão se enrosca nos acordes da Feira de Mangaio no momento mesmo em que avisto minha mulher no canto da rua, ao lado da barraca do correio elegante. Me escondo, envergonhado, debaixo de uma mesa, entre pernas de pessoas que não conheço, mas é tarde demais: ela me enterra pela consciência adentro um par de olhos pontudos. Me levanto pelo outro lado, espano minha camisa como se limpasse farelos, e desapareço na luz branca que me traz de volta ao presente. Percebo, então, que perdi pelo caminho a gravata que levava no bolso, e que pesava como o diabo. Em seu lugar há um par de ingressos para o show de Hermeto Pascoal hoje à noite no Sesc Pompeia. Ainda dá tempo.



A CARTA



Sobre a mesa da sala havia uma carta. No verso de sua única página mal dobrada era possível ler, mesmo à distância, o nome dele escrito em vermelho. Ele sentia a raiva que certamente houve na escolha da cor da caneta. A princípio tentou desacreditá-la, dizendo para si mesmo que poderia ser uma conta de luz, um comunicado do condomínio, uma atualização do consórcio. Tentativa tola, meramente protelatória do reconhecimento que teria de assumir em algum momento de que, sim, era uma carta, ele sabia que era. Sabia também de quem era e do que tratava. Acima de tudo, sabia que não a leria.

Quando chegou em casa, estava tudo estranhamente silencioso, com as coisas fora do lugar como de costume, em um desarranjo, no entanto, que fugia do padrão. O padrão de bagunça na sua casa era diferente do da bagunça na casa de outras pessoas. A casa do João, por exemplo – seu amigo do tempo da faculdade – era uma bagunça só, mas tinha um jeito de ser assim que ele identificava e distingua. A bagunça de um dia era muito similar à bagunça do dia anterior. Havia ordem naquela desordem, fruto de uma falta de tempo e de uma falta de vontade que tinham características pessoais muito pronunciadas. O mesmo ocorria em sua casa, com uma desordem contínua e reconhecível em sua sequência ao longo dos dias. Mas ele percebeu, logo ao entrar, que a desordem daquele dia era diferente, resultado de outro conjunto de circunstâncias e intenções.

Os livros não estavam fora do lugar sobre a mesa. Estavam fora do lugar espalhados pelo chão, misturados a copos, travesseiros e migalhas de pão. Toalhas ainda úmidas não estavam jogadas na bancada do banheiro, mas sobre o sofá da sala pequena, hoje mais abafada do que nunca. Pouca coisa estava em seu devido lugar. Era uma outra ordem de desordem.

Ele falou em voz alta o nome dela, sabendo que não teria resposta. Não havia ninguém em casa, fora a bagunça, a carta e o silêncio. A discussão da noite anterior foi horrível – os dois falaram coisas um para o outro que guardaram por tempo demais e com isso elas adquiriram caprichos de crueldade lentamente fermentados em cantos escuros, cheios de lodo, lama, e memórias esgarçadas. Esgrimiram argumentos torpes, quase verdadeiros, mas totalmente falsos. Gritaram, xingaram, invocaram os deuses da ira e do abandono e foram dormir – ou pelo menos tentar – em mundos diferentes: ela na cama com o edredom velho, ele no sofá sem lençol nem travesseiro. Babou na almofada.

Saiu cedo, voltou tarde. E viu a carta, que não leu. Rasgou-a bem devagar em pedacinhos pequenos, que empilhava em um canto da mesa antes de jogar no chão. Ele não tinha ideia de onde estava a lixeira, jogou em qualquer lugar como se a jogar em lugar nenhum. Cada pedaço era uma saudade que se transformara em ódio, confetes de carnavais antigos que perderam a cor e o cheiro. Mais do que tudo, perderam o sentido. Havia método e cálculo em seu procedimento. Talvez a frieza da raiva também. Ele. Só ele.

Em silêncio, rememorou os versos de uma canção antiga que há muito não ouvia ou cantava: “Já conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada, seus segredos sei de cor. Já conheço as pedras do caminho e sei também que ali sozinho eu vou ficar, tanto pior...”. Perdia-se na letra, repetia, voltava ao começo, não se lembrava de como terminava.

Quando terminou a saga de rasgar, levantou-se e passou o trinco na porta. Naquela noite, não queria que ninguém invadisse seu festival de dores, seu cortejo de horrores. Não dormiu na cama, nem no sofá. Preferiu a poltrona para acalentar sua insônia. Quando finalmente dormiu, sonhou com a Elis no palco de um teatro velho e abandonado. Ela cantava para ele, que estava sentado no meio da plateia, sozinho, entre cadeiras quebradas com resquícios do veludo bordô que um dia as cobriria. Ela sabia a letra toda e cantou até o final. Ele teve de enxugar o orvalho do rosto antes de sair para trabalhar.

Renato Guimarães Ferreira



ALÉM DO HORIZONTE



Atualmente me dedico a uma atividade de que gosto muito, cantar. Aliás, me dedico não, quem me dera. Faço, alico tempo. Mas já está bom. A vida cantando é melhor; sem achar que ofenderei o ouvido alheio, melhor ainda. Antes, até então, eu só cantava na mente, internamente, aliás o tempo todo, de maneira absolutamente errática. No chuveiro quando achava que ninguém ouviria. Agora canto no chuveiro e considero que estou estudando. Hoje, caminhava eu pela Avenida Paulista cantando alto (precisa treinar), debaixo de uma garoa, uma senhora me parou e disse que depois de ouvir tanto palavrão adorou me ouvir cantar. Estamos melhorando, afinal antigamente dizia-se que quem canta na rua merece uma internação psiquiátrica. Acho que esse conceito está tão fora de moda quanto o de manicômios, que ainda aparecem em novelas, para evidenciar o quanto os maus são, de fato, maus.

Quis o destino (sob forma de meu professor de canto e de mim também) que a canção que estou estudando seja *Over the Rainbow* (além do arco íris) do filme O Mágico de Oz. No estado de São Paulo, o município de Osasco vem sendo carinhosamente conhecido como OZ e, descobri recentemente, está sendo denominado a capital do cachorro-quente. Para quem conhece o filme, favor não misturar *hot dog* com o Toto, pet da Dorothy, a menina que buscava o mágico, na história. Não me consta que ela seja tutora, porém, parece mais amiga ou coleguinha, o cão é um companheiro tal e qual o Leão, o Homem de Lata e o Espantalho, só não sei se tem algum desejo específico, diferente do homem de lata que busca um coração, do espantalho à caça de um cérebro e do leão a quem, pasmem, falta coragem.

Qual a mensagem da letra dessa música? O verso de que mais gosto é o que diz que além do arco-íris os céus são azuis e os sonhos que você ousa sonhar de fato acontecem[1]. O verso perde muito na tradução, mas, em resumo, afirma que cabe sonhar. Sonhos impossíveis ou não (e com isso vamos ao Dom Quixote, que não é nem um pouco infantil, e cuja letra traduzida para o português por Chico Buarque, diz que faz parte desse sonho impossível lutar quando é fácil ceder). Ao mesmo tempo, outra história infantil que também remete ao sonho é a do Pinocchio, cuja canção tema tem como título *When you wish upon a star*. Nessa letra, a mensagem é que quando você manda um desejo para uma estrela, não faz diferença quem você é, tudo o que você quer virá para você[2]. Sem a paranoia do século XXI, de cuidado com o que você deseja porque pode acontecer, simplesmente desejemos.

Afinal, para chegar ao pote de ouro que se encontra, segundo a lenda, no final do arco-íris, é preciso capturar e manter preso um dos duendes que guarda o pote nesse lugar. Que triste ter que aprisionar a figurinha para conseguir realizar os sonhos. E comecei a pensar se há contradição entre deixar os sonhos irem e prender os duendes. Uns são fluidos e outros têm materialidade? Por outro lado, na letra de *Moon River*, que fez parte do Bonequinha de luxo (ou *Breakfast at Tiffany's*), o solista diz que os dois protagonistas estão em busca do mesmo final de arco-íris[3], sem mencionar o ouro, mas claramente insinuando o encontro, o amor ou a felicidade.

Já no cancioneiro da jovem guarda brasileira, além do horizonte deve ter um lugar bonito para viver em paz, onde o amanhecer é lindo. De fato, existem amanheceres não tão lindos, mas isto ocorre em lugares reais, onde o tempo pode ficar fechado, onde há poluição e onde o ar é seco. Muito diferente do lugar, além do arco íris, onde as preocupações se derretem como gotas de limão[4]. Por esse caminho chegaremos talvez até a Lucy, que está no céu com tantos diamantes[5].

Enfim, o nosso real atual começou a ser retratado por Luiz Gonzaga, em 1989, no Xote Ecológico, no qual ele canta que não pode respirar, não pode mais nadar, se plantar não nasce, se nascer não dá, até pinga da boa é difícil de encontrar. Isso foi uma competente antecipação do fenômeno do aquecimento global e das grandes secas, cujo entendimento desde então já não era privilégio dos especialistas. A vantagem da chuva é que ela, além de molhar a terra, traz o arco-íris.

[1] *The Dreams that you dare to dream really do come true*

[2] *When you wish upon a star,
makes no difference who you are,
anything your heart desires will come to you*

[3] *We're after the same rainbow's end*

[4] *Where troubles melt like lemon drops*

[5] *Lucy in the sky with diamonds*

Ana Maria Malik



QS TEMPOS ESTÃO MUDANDO



Às vezes é preciso recorrer ao passado para encontrar palavras que ainda nos salvem. Há canções que atravessam décadas como barcos à deriva, sobrevivendo às marés do esquecimento.

The Times They Are A-Changin', de Bob Dylan, é uma dessas canções — escrita no calor da luta por direitos civis, quando a esperança ainda tinha cheiro de rua molhada e fumaça de protesto.

Mas talvez hoje, seu eco mais urgente seja outro: o clamor por sobrevivência. Ambiental, humana, espiritual.

“Come gather 'round people, wherever you roam.”

O chamado permanece. Só mudaram os ventos.

Antes sopravam em direção à liberdade; agora, varrem cidades, arrancam telhados, inundam vales.

As águas subiram.

“The waters around you have grown.”

E o que antes era metáfora virou tragédia.

Enquanto CEOs contam dividendos e governos fazem promessas recicladas, o planeta se afoga em silêncio — e nós com ele.

Vivemos um tempo em que o abismo é algoritmo.

A desigualdade escorre pelas telas: entre o Norte e o Sul, o centro e as margens, o visível e o invisível. Os conectados navegam em mares digitais, enquanto os outros se afogam sem wi-fi, sem voz, sem tempo.

“And admit that the waters around you have grown,
And accept it that soon you'll be drenched to the bone.”

Dylan avisou. Mas ninguém quis se molhar.

O ódio agora é viral. As palavras perderam o corpo e ganharam fúria. As redes são campos de batalha, onde a verdade sangra pixel a pixel.

“Come senators, congressmen, please heed the call.”

Mas eles não ouvem.

Os senadores podem ser os CEOs, os congressistas se tornam os influenciadores, e o povo, esse coral disperso, canta desafinado, cada um na sua bolha de espelhos.

Mesmo assim — sempre há um “mesmo assim”. Porque a esperança é teimosa. Ela resiste nos corpos jovens que marcham por justiça climática, nas aldeias que protegem a floresta, nas vozes que recusam o cinismo. Ela vive na coragem das meninas que enfrentam o mundo com cartazes e convicções. *Greta greatness*, diria Dylan, se a escrevesse hoje, *For the times they are a-changin'*.

E talvez seja isso que ainda nos resta: dançar na beira do abismo, sabendo que os tempos estão mudando — com ou sem nós.



À MADALENA



Minha querida, não há como negar... que tudo ao meu redor, neste tempo e neste espaço, é marrom e devastado e tão triste. Quarenta dias no deserto, com o rosto descoberto, serão dias suficientes para que eu, diante Dessa Vastidão, abandone os dilemas do medo? Para que eu sinta, finalmente, as estrelas enchendo meus olhos?

Minha querida, nada que um dia eu já ouvi, conversas e canções em línguas de gracioso encanto, nenhuma palavra, poderia contar sobre este lugar. Eu quero tanto que você me deixe te trazer aqui... Quando eu enxergar todo o caminho, você estará.

Não fique triste, minha querida... não fique triste. Você é a luz deste sol que revela um riacho de águas amarelo-alaranjadas, minha Shagri-La sob a lua de verão. Não fique triste. Eu retornarei. O Pai dos Quatro Ventos encherá minhas velas através do mar dos anos e, juntos, estaremos para sempre em Caxemira.

Paula Bessa



O OUTRO LADO DO MURO DOS SONHOS



Ao reencontrar velhos amigos, quando alguém puxou no violão *Tempo de fé* de Lula Barbosa, percebi que a canção não falava apenas de um tempo distante, mas também do que estava ali, vivo, diante de mim. Reencontrei os amigos, mas também a mim mesma de outro tempo. E ao cantar, eu vivia mentalmente a letra da música...

Tempo em que os amigos de fé (de convicções, de ideais, de sonhos...)
Ao redor das fogueiras (ou mais precisamente, das mesas de bar, das salas apertadas dos apartamentos, ou nas varandas com vento fresco...)
Sentavam pra conversar (e cantar, e comer, e dançar, e namorar...)
Viver era uma brincadeira
Gostosa de se brincar (à época a gente não se dava conta, mas hoje, olhando para trás, a vida era bem mais divertida e saborosa...)

Tempo em que se fazia de conta
E a alegria era tanta (como era fácil sorrir naqueles tempos...)
Tanto que a vida
Era fácil de se levar (fácil talvez não — a gente já ralava entre estágio, trabalho e faculdade, já bancava as próprias despesas, e o turbilhão de emoções que os hormônios proporcionavam não facilitava muito...)

Tempo em que os violões

Despertavam paixões

Na voz do cantador (pois é... as meninas se apaixonavam pelo violeiro-cantador — paixões tão arrebatadoras quanto passageiras, que duravam o tempo das canções...)

E os moços teciam versos

Falavam só de amor (amores não correspondidos, sempre — esses é que rendem as melhores poesias...)

O tempo passou tão depressa

Que os moços e os versos

Ficaram pra trás,

Do outro lado do muro,

Dos sonhos (Reencontrá-los anos depois foi um presente. Envelhecemos; estamos mais pesados — de quilos no corpo e na alma. Mas quando a música começou, foi como se nada tivesse mudado. O violão bateu no coração como antes, trazendo de volta a memória daqueles tempos...)

E sabem que o tempo

Não volta jamais. (O tempo não se repete, é verdade — mas pode nos visitar, inteiro, nas notas de uma canção.)

Pedi bis.

Eliana Bianco

THESE ARE DAYS



Aqueles eram os dias e eu sabia disso.
Era a Paula, era o Pedro e era eu mesmo,
como eu mesmo nunca mais fui.

Porque eu me fiz em tantos outros sem quase saber.
Sem quase saber de quem eu era,
e fui tão longe, distante, do que eu me queria ser.

Aqueles eram os dias e eu soube disso.
Porque já eram a Paula, o Pedro, o João, o Antônio.
E era também esse alguém que nos veio, tão canino e pequeno.

Por tempos e linhas, já não antes, já nunca depois.
Quando a vida tudo o que eu quis, me trouxe,
em cada rosto, em cada face que em raio de luz se fez.

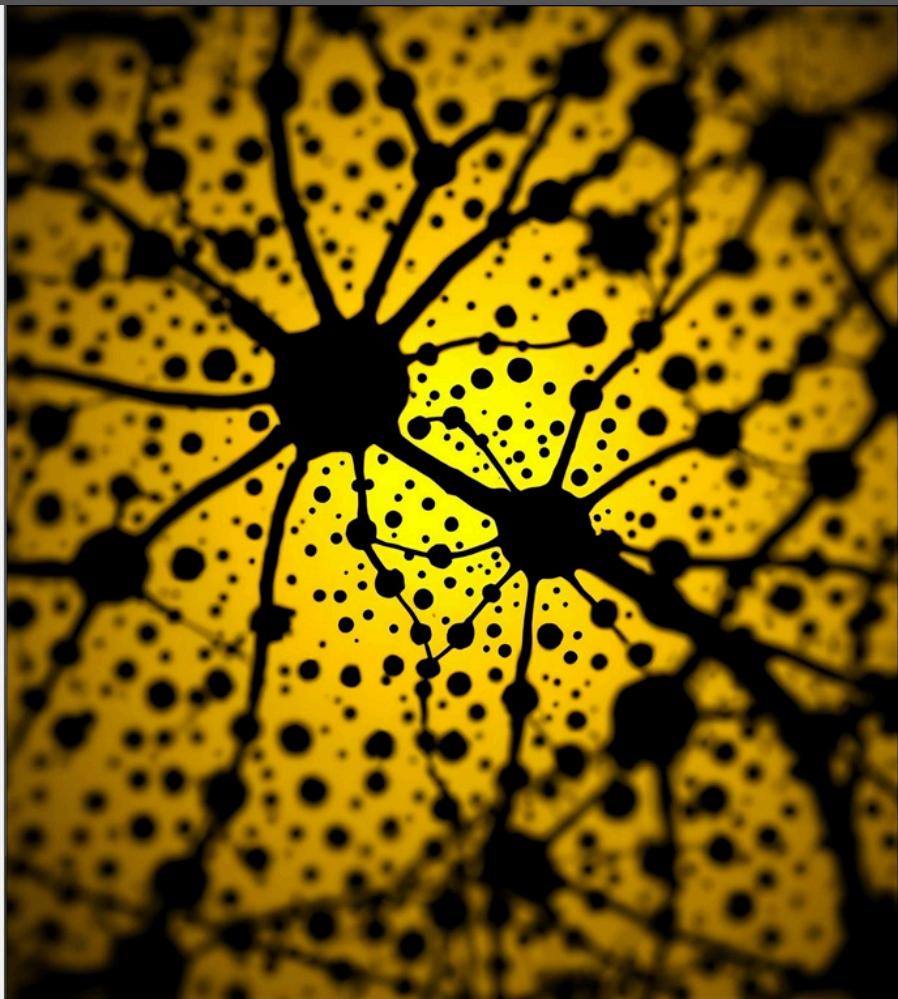
Aqueles eram os dias e eu saberia disso.
Em muita forma, parte, sentido,
Um tear de som, mescla, vento. Vibração.

Do que se expande, do que se integra.
Feito de cor, e de tudo o que flui em liberdade.
Magnética casa, lar sem paredes.

Estes são os dias e eu só sei disso...

Sérvio Túlio Prado Júnior

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

